PLACAR

O argentino com o manto oferecido pelo emir e a taça: maior que Maradona

ESPECIAL – COPA DO MUNDO

GLÓRIA ETERNA

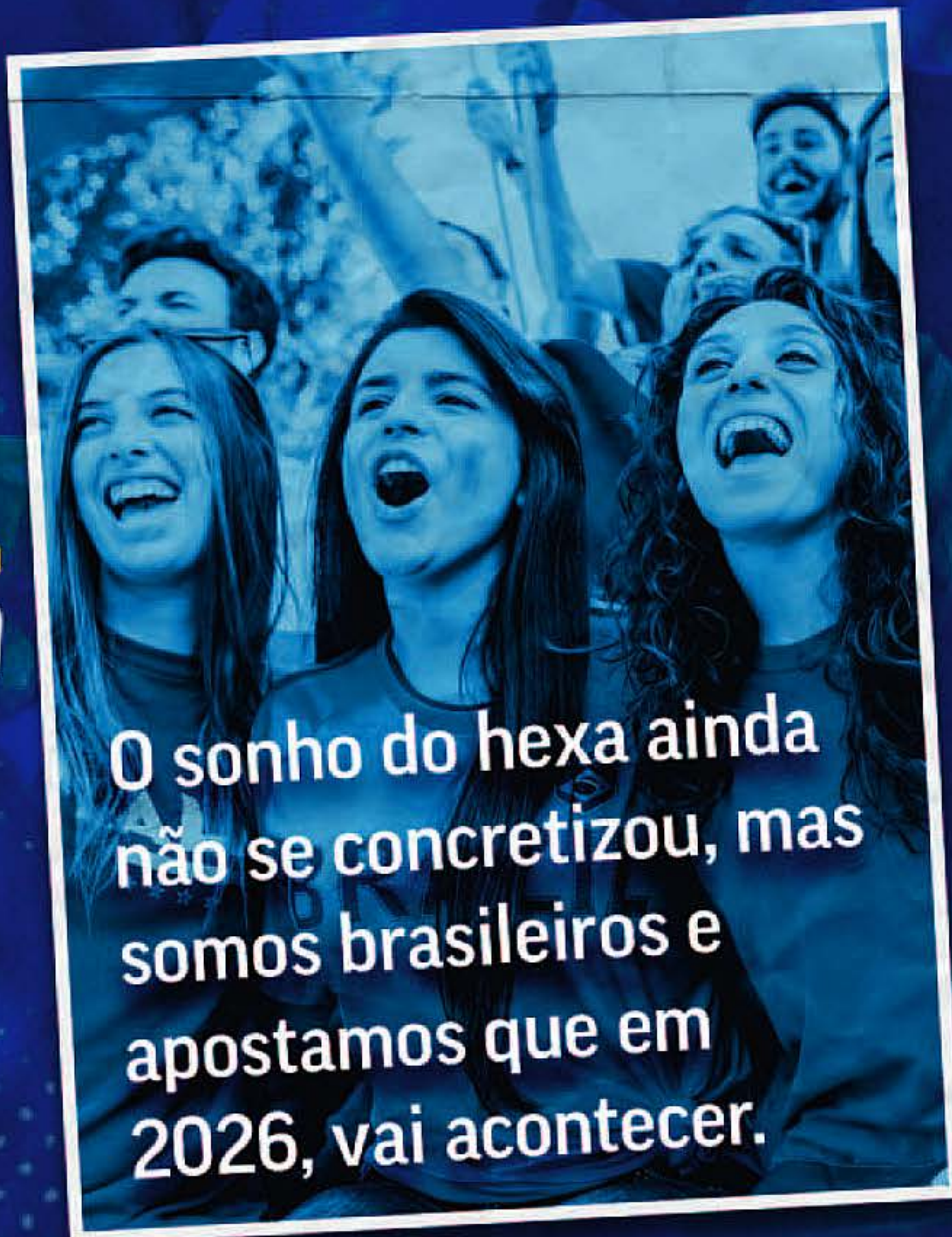
A CONSAGRAÇÃO DE MESSI, QUE ESTÁ AGORA APENAS ATRÁS DE PELÉ NO PANTEÃO DOS GÊNIOS DA BOLA

AS BOAS NOVIDADES DO MUNDIAL

A FRUSTRAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA

OS ÚLTIMOS PASSOS DOS VETERANOS

FOTOS EXCLUSIVAS DE PLACAR

Somos a única
seleção
pentacampeã
do mundo!

O sonho do hexa ainda
não se concretizou, mas
somos brasileiros e
apostamos que em
2026, vai acontecer.

BRASIL
9

"A HISTÓRICA REVISTA PLACAR"

Logo depois da derrota do Brasil para a Croácia, um jornalista peruano se aproximou de um dos correspondentes de PLACAR em Doha. Ele queria entender o que houvera no gramado do estádio Education City. Ao ver a credencial, e ao ler o nome de nossa publicação, exclamou: "A lendária e histórica revista PLACAR!".

É impressão que nos orgulha. A Copa do Mundo do Catar, a de número 22 desde 1930, foi a 14ª acompanhada de perto por uma equipe de PLACAR ao longo de suas mais de cinco décadas de existência. Estiveram lá, durante um mês, os repórteres Fábio Altman e Luiz Felipe Castro e os repórteres fotográficos Alexandre Battibugli e Ricardo Corrêa. Juntos, na soma dos trabalhos *in loco* de cada um em Mundiais, são 25 vistos de perto.

Esse agora tinha uma particularidade, e que pressupunha seguir não apenas os jogos, a caminho da gloriosa conquista da Argentina de Lionel Messi, mas também o cotidiano da primeira Copa do Mundo realizada no Oriente Médio — um torneio embebido, ao longo de trinta dias fascinantes, pela alegria incontida de torcedores de países vizinhos e de cultura religiosa semelhante à do Catar, o islamismo. E, então, durante o sonho do futebol, houve um espécie de estado de sítio ao avesso em uma nação regida por uma monarquia absolutista. Foi como se, no tempo da Copa, houvesse um lindo vento de liberdade — com direito inclusive a protestos de algumas seleções contra o preconceito que fere a comunidade LGBTQIA+ e a estúpida misoginia.

RICARDO CORRÊA

Messi beija a taça depois da noite dramática contra a França: o novo rei do futebol

Corrêa, Castro, Battibugli e Altman no Centro de Imprensa em Doha: olhar próximo

Foi uma festa bonita, de bom futebol, a cerimônia de adeus de craques como Cristiano Ronaldo e Messi, coroada pela mais espetacular final de todas as Copas — aquele Argentina x França, o 3 a 3 levado para a prorrogação, com show de Messi, o novo rei do futebol, e Mbappé, o príncipe da bola, que ecoará infinitamente.

Acompanhe, nas próximas páginas, o relato da Copa do Mundo com fotos exclusivas de PLACAR. É uma caprichada edição de colecionador — e uma pena a canarinho ter ido embora tão cedo. Até 2026! E a todo instante e em qualquer circunstância em nossas redes sociais e especialmente na PLACAR TV, que pode ser acessada pelo YouTube. Boa leitura e boa emocionada diversão.

revistaplacar | @placar

placar.abril.com.br

placar@abril.com.br

ÍNDICE

CAPA: RICARDO CORRÊA

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-chefe: Fábio Altman
Editor Assistente: Luiz Felipe Castro
Repórter: Leandro Miranda **Estagiárias:** Maria Fernanda Sousa Lemos e Mariáh Magalhães **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite e Eric Cavasani Vechi (estagiário) **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli e Ricardo Corrêa (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueredo (pesquisa de fotos); Gabriel Grossi (edição de texto); Klaus Richmond, Enrico Benevenutti e Guilherme Azevedo (texto)

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

PLACAR 1494 (789 3614 11176 6), ano 53, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante:
minhaabril.com.br
WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200 Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30

Para assinar:
www.assineabril.com.br
WhatsApp: (11) 3584-9200 Telefone: SAC (11) 3584-9200
De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br
Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote pelo e-mail: assinaturacorporativa@abril.com.br

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

MUCHACHOS,

O camisa 10 com o manto típico do Catar e a taça: genialidade

MUCHACHOS!

A Copa do Mundo da Argentina começou com derrota para a Arábia Saudita e seguiu com uma série de cinco jogos decisivos até a mais sensacional final da história. Foi a coroação de Messi, o novo rei do futebol

RICARDO CORRÊA

Ángel Di María, do lado esquerdo do ataque: um golaço coletivo que parecia facilitar as coisas para os argentinos com o 2 x 0, mas não...

Fábio Altman e Luiz Felipe Castro, de Doha
Fotos: **Alexandre Battibugli e Ricardo Corrêa**

O mundo amanhecera ansioso pelo duelo entre Lionel Messi e Kylian Mbappé. O vencedor seria alçado ao posto de rei do futebol, levando Argentina ou França ao tricampeonato mundial. Ambos corriam para a artilharia da Copa. Antes da coroação, contudo, haveria a mais espetacular final de Copa de toda a história — a Argentina passeava, como num amistoso sem graça, com um gol de Messi, de pênalti, e um golaço de Di María. Era assim até os 34 minutos do segundo tempo, quando Mbappé diminuiu, também por meio de penalidade. Um minuto depois ele empataria a partida em 2 a 2 a caminho

RICARDO CORRÊA

Mbappé fez três gols na finalíssima e oito no torneio: aos 24 anos, na trilha de Pelé

RICARDO CORRÊA

ALEXANDRE BATTIBUGLI

O gol de Messi, no segundo tempo da prorrogação, para fazer 3 x 2: e então a França empatou, para tirar o fôlego do planeta inteiro

da prorrogação. E o que era para ser um jogo de futebol virou algo indizível e épico.

Messi fez o 3 a 2 aos três minutos do segundo tempo da prorrogação — com um capricho que nem o mais premiado dos roteiristas seria capaz de imaginar: a bola entrou, mas não estufou a rede, tirada de dentro do gol pelo zagueiro francês. Em seguida, Mbappé empatou, 3 a 3, para levar o jogo para os pênaltis. Ao fim de 120 minutos e das penalidades, contudo, o jogo precisaria terminar. Afinal, um dos dois, Messi ou Mbappé, teria de levar o cetro — embora ambos merecessem sair de mãos dadas para a posteridade e a humanidade sairia vencendo se a partida de 18 de dezembro de 2022 não terminasse nunca mais. A Copa não queria terminar. Mas acabou, infelizmente, com uma defesa do mercurial goleiro Emiliano Martínenez e um chute para fora, e não custa reafirmar: com uma partida de futebol que parece ter sido desenhada por Michelangelo ou escrita por Shakespeare.

Findo o drama, se é que um dia ele findará, é possível dizer: o rei é Messi, celebrado pelas ruas de Buenos Aires. Depois da vitória contra a França e do tricampeonato mundial da Argentina, o genial canhoto chegou ao olimpo. O que se viu na tarde de Lusail, no Catar, foi um daqueles momentos inesquecíveis, agora multiplicado pelas redes sociais. Nem tanto pelos dois gols, nem mesmo pelo passe que deflagrou o segundo tento albiceleste ou pela frieza na disputa de pênaltis. A moldura é maior e mais bonita. Senão, vejamos. Houve a tarde sueca em que Pelé chorou nos ombros de Gilmar, em 1958. Houve a correria em torno do rei no Estádio Azteca, na Cidade do México, em 1970 — os torcedores ávidos por conseguir alguma lembrança do maior de todos na sua despedida em Copas, quem sabe a camisa amarela, quiçá o calção azul. Houve a infame cabeçada de Zidane em Materazzi, no Estádio Olímpico de Berlim, em 2006. Os instantes épicos são poucos. E haverá para sempre a ovação a Lionel Messi depois de erguer a taça do mundo.

Foi um instante mágico, a consagração de um gênio, aos 35 anos. Fica decretado o seguinte: depois de Pelé, um pouquinho abaixo apenas, vem Messi. Não foi fácil, para ele, chegar lá — era preciso antes vencer uma sombra incômoda, a de Diego Armando Maradona. Na Argentina, o tango dramático do cotidiano impusera uma contradição: um ou outro, tão diferentes na origem, na vida, na postura. Marado-

RICARDO CORRÊA

Emiliano Martínez, o melhor goleiro do Mundial de 2022: muita catimba, até demais, e dois pênaltis defendidos contra os franceses

na era o menino pobre do chão de terra de um bairro simplório. Messi é o garoto de Rosário, que cedo se mudou para Barcelona. Ele sabia que para poder bater na porta do panteão precisaria não apenas chegar ao título mundial, mas avançar em toada à Maradona, ainda que fosse uma contradição em termos para uma personalidade tão retraída. Mas ele deu um jeito. Na área de entrevistas para a imprensa depois da vitória por pênaltis contra a Holanda, nas quartas de final, Messi disparou uma bronca contra o centroavante holandês Wout Weghorst, que empatara a partida, levando-a para a prorrogação. A diatribe, um pouco deslocada, quase risível, virou meme (embora tenha sido apenas um mal-entendido, porque o europeu se aproximara apenas para lhe pedir a camisa): *"Que mirás, bobo? Andá p'allá"*. Maradona teria dito isso, mas de um modo mais mercurial, é bom ressaltar. De qualquer modo, a frase serviu de senha para o nascimento de um novo Messi, em fim de carreira, ainda que soasse estranha ao jeito alheio do craque do PSG. Era Messi saindo de seu casulo, na antessala da consagração. Se a Argentina tivesse ficado com o vice-campeonato, os memes se multiplicariam como piada, e só. A *boutade* sumiria com o tempo. Mas não, virou quase um símbolo da conquista — tal qual a taça que em 2014 ele vira a pouca distância, com olhar melancólico, e agora beijou como a um de seus três filhos.

É ilusão imaginar que a discussão — Messi ou Maradona — tenha se encerrado. Não. No Lusail, logo antes do apito inicial, o telão exibiu lances de campeões mundiais que morreram desde 2018, como homenagem — a imagem do gol de Maradona contra a Inglaterra em 1986, o gol do século, recebeu urros de êxtase dos argentinos, em maciça maioria.

Mas o que o atual gênio de dorso comprido e pernas curtas fez no Catar, mais até do que Maradona no México, talvez só possa ser comparado ao desempenho de Pelé na Copa de 1970. Nem tanto pelos sete gols marcados, três dos quais de pênalti, e sim pela trajetória emocionante, que começou com uma derrota por 2 a 1 para a Arábia Saudita. Mas, afinal, o que fez Messi para comover o mundo, ao menos quem gosta de esporte, para além do inesquecível drible na beirada direita do campo em cima do croata Gvardiol, com o luxo de um cruzamento de direita — a perna cega — para o gol de Julián Álvarez? O que mesmo ele fez? Caminhou no deserto.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

O instante decisivo: a alegria compartilhada com o canhoto que fez história para sempre no Catar

As passadas curtas e o ritmo indolente soavam displicentes, mas não. É coisa de um jogador capaz de ver tudo antes dos outros. Não corre porque não precisa correr. Não corre porque, aos 35 anos, sabe já não ter o fôlego de antes. E não corre porque faz de 1 centímetro quadrado de grama um latifúndio. No Catar, na trilha da glória eterna, ele pôs em prática uma bonita frase do naturalista e poeta americano Henry David Thoreau (1817-1862): "Ande como um camelo, ao que sabemos, o único animal capaz de ruminar em marcha". Foi linda a marcha de Messi no Catar — o fim de carreira em Copas, a coroação de um caminhar inigualável, uma piscadela à maturidade.

E o mais legal foi ter seguido Messi, calma e docemente — *"que mirás, bobo"* foi apenas um acidente — ao som do canto mais ouvido em todo o mundo nos últimos trinta dias. A letra da canção *Muchachos,* adesiva, resume o que aconteceu, e nem é preciso traduzi-la, embora seja fundamental ouvi-la: *"En Argentina nací / Tierra del Diego y Lionel / De los pibes de Malvinas /Que jamás olvidaré / No te lo puedo explicar / Porque no vas a entender / Las finales que perdimos /Cuantos años la lloré / Pero eso se terminó / Porque en el Maracaná / La final con los brazucas / La volvió a ganar papá / Muchachos / Ahora nos volvimos a ilusionar /Quiero ganar la tercera / Quiero ser campeón mundial / Y al Diego/Desde el cielo lo podemos ver / Con Don Diego y La Tota / Alentándolo a Lionel / Muchachos / Ahora nos volvimos a ilusionar /Quiero ganar la tercera / Quiero ser campeón mundial / Y al Diego/ Desde el cielo lo podemos ver / Con Don Diego y La Tota / Alentándolo a Lionel, y ser campeones otra vez, y ser campeones otra vez".*

A canção tem tudo, até culminar no tricampeonato, que parecia ilusão e não é mais. Diego e Lionel. A Guerra das Malvinas. A derrota nas finais de 1990 e 2014. A vitória na Copa América em pleno Maracanã. Tota, a mãe de Maradona. Os *muchachos.* Só não tem Ángel Di María, o espetacular ponta com pinta de cantor de tango dos anos 1930, autor do segundo gol.

Messi chegou lá. O mundo do futebol reconhece e agradece. Mas cabe uma lembrança à grandeza de Mbappé, que foi o artilheiro da Copa, com oito gols. Em muitos aspectos, o francês ultrapassou Pelé quando tinha 24 anos. Mbappé tem doze gols em duas Copas. Pelé tinha sete. Ele será o futuro rei do futebol — receberá o posto de Lionel Messi. ■

ELES QUASE CHEGARAM LÁ

As Copas sempre reservam surpresas, daquelas de arruinar os bolões. No Catar, a zebra passeou com uma série de resultados inesperados, como os triunfos do Japão contra Espanha e Alemanha. Mas quem fez bonito mesmo foram os valentes croatas e os bravos marroquinos, que por pouco não beliscaram uma final. Ninguém os esquecerá

RICARDO CORRÊA

FILHO DA GUERRA, AMIGO DA BOLA

Quatro anos depois de levar o país de apenas 4 milhões de habitantes à final do Mundial da Rússia, o espetacular **Luka Modric** ainda teve fôlego para mais uma participação memorável. Aos 37 anos, o craque, que teve de fugir do terror da Guerra dos Bálcãs e descobriu na bola o seu melhor refúgio, deu um show de bravura e elegância, dentro e fora dos campos. A Croácia não é um time encantador, mas conseguiu despachar o surpreendente Japão e o favoritíssimo Brasil, suportando mais duas prorrogações, com um jogo baseado na valorização da posse de bola e na marcação implacável — Kovacic e Brozovic foram os fiéis escudeiros de Modric no meio, e o goleiro Livakovic e o zagueiro Gvardiol foram a segurança lá atrás. O time só parou na genialidade de Lionel Messi e foi novamente recebido com as maiores honrarias no retorno a Zagreb. Mesmo sem título, é uma geração de ouro. Foi a terceira semifinal da Croácia desde sua estreia como pais independente, em 1998.

ORGULHO DO MAGREBE

O Marrocos foi a melhor novidade deste Mundial, não só por ter derrubado favoritos — e quem não gosta de um bom azarão? —, mas pela forma vistosa e corajosa como atuou "em casa". Sim, nem mesmo os argentinos fizeram tanto barulho quanto os torcedores marroquinos, que atravessaram a região do Magrebe, no norte da África, para se juntar aos compatriotas que já ganhavam a vida em Doha. As vitórias do time, dirigido pelo jovem técnico Regragui, que havia assumido a seleção havia apenas quatro meses, deram o tom animado que tomou as ruas e estádios do Catar. Além dos já conhecidos Hakimi e Mahrez, a Copa apresentou ao mundo a segurança do goleiro Bonou, a vitalidade dos meios-campistas Amrabat e Ounahi e os dribles desconcertantes de Boufal. A melhor campanha da história de uma seleção africana teve um gosto ainda mais especial, pois o Marrocos deixou pelo caminho dois de seus colonizadores, Espanha e Portugal e, por muito pouco, não conseguiu superar o maior deles, a França. O choro de tristeza na semifinal de **Abde Ezzalzouli** logo deu lugar ao orgulho. Palmas para o Marrocos.

RICARDO CORRÊA

ANATOMIA DE UMA FRUSTRAÇÃO

Os dois primeiros jogos não foram espetaculares — e no terceiro a seleção entrou em campo com os reservas —, mas havia a sensação de ser possível chegar à sonhada semifinal contra a Argentina. Foi tudo por água abaixo com o gol de contra-ataque da Croácia. Acompanhe nas páginas a seguir a aventura triste da canarinho no Catar

HAVERÁ OUTRA CHANCE?

Para **Vinicius Junior**, um dos primeiros a consolar **Neymar,** sim, mas para o camisa 10 pode ter sido a derradeira chance de conquistar uma Copa e ingressar em seleto grupo. O astro do time sabia que precisava da taça e, justiça seja feita, teve postura elogiável no Catar. Se preparou como nunca, driblou as confusões, fez de tudo para se recuperar da lesão no tornozelo da estreia, marcou dois gols e, ao contrário de 2018, quando saiu da Rússia ridicularizado, agora fez papel digno... que de nada adiantou. Atordoado depois da eliminação para a Croácia, segurando as lágrimas no Estádio Education City, Neymar disse estar se sentindo em um pesadelo. "É muita coisa para pensar agora, não quero falar nada de cabeça quente. Não fecho as portas da seleção, nem digo 100% que vou voltar." Em 2026, no Mundial dos EUA, México e Canadá, ele terá 34 anos. Messi tinha 35 anos no Catar.

RICARDO CORRÊA

TREMENDA INFELICIDADE

O barulho seco da bola explodindo na trave direita do goleiro croata ecoou pelo Estádio Education City, em Al Rayyan. Era o fim de uma Copa que até minutos antes vinha sendo impecável para **Marquinhos**. Foi do defensor de 28 anos o desvio que desmontou o goleiro Alisson no gol de empate e também a quarta e última cobrança de pênalti que culminou na enorme euforia dos adversários a seu redor. De todos os erros do técnico Tite, talvez a ordem dos batedores tenha sido o mais flagrante. O primeiro a bater foi o novato Rodrygo, de 21 anos, cujo chute fraco parou nas mãos de Livakovic. Pedro e Casemiro não falharam, mas os tentos de Modric (o craque do time e terceiro a bater) e de todos os seus companheiros impediram que Neymar, o maior especialista da marca da cal na atualidade, pudesse ao menos participar. Depois de deixar o campo sem consolar os companheiros, Tite, cabeça-dura, disse que Neymar "era o quinto e decisivo pênalti, porque fica com pressão maior e precisa do jogador de mais qualidade, mentalmente mais forte". Infelizmente, agora é tarde demais para lamentar.

RICARDO CORRÊA

SETE HOMENS E QUATRO MINUTOS

Eis o lance que levará anos, talvez décadas, para ser digerido. Até o chute mascado de Petkovic — que não tem qualquer parentesco com o homônimo ídolo sérvio do Flamengo —, deu-se uma sucessão de decisões equivocadas. O cronômetro marcava 115m29s quando a jogada começou com Danilo batendo um lateral. Houve um bate-rebate, Fred interceptou e passou para Pedro, livre. O centroavante se precipitou ao lançar o volante, que acabara de entrar, mas perdeu a dividida com o excelente zagueiro Gvardiol **(1)**. A bola seguiu viva e Casemiro não conseguiu matar a jogada, que passou por seu velho amigo, o genial Modric **(2)**. A partir daí, o Brasil ficou exposto. A cena impressiona: sete homens no ataque, voltando devagar, faltando pouco mais de quatro minutos para o apito final. Alex Sandro não alcançou Vlasic, Budimir puxou a marcação e Orsic avançou livre pela esquerda até a assistência para o gol **(3)**. Foi o único chute a gol da Croácia em 120 minutos. Pela leitura labial das imagens de TV foi possível perceber a reclamação de Neymar para Fred, depois do gol: "Ei,ei! Não tem necessidade de subir. Tá um a zero! Um a zero, faltam cinco minutos. Vai subir por quê?"**(4)**.

RICARDO CORRÊA

1

2

RICARDO CORRÊA

ALEXANDRE BATTIBUGLI

RICARDO CORRÊA

UMA INÚTIL CATARSE

Neymar fazia uma partida ruim, atrapalhando o ataque com decisões erradas, lentidão e total falta de inspiração. Era presa fácil para a marcação croata. Um jogador como ele, porém, nunca pode ser substituído ou subestimado, e a prova disso se deu aos 105 minutos. Quando todos os torcedores clamavam por um chute de fora da área, o camisa 10 surpreendeu. Tabelou duas vezes, com Rodrygo e Paquetá, invadiu a área, driblou Livakovic com extrema calma e mandou para as redes. **Gooooool!** O Brasil inteiro celebrou o momento catártico (até mesmo aqueles que não simpatizam com o craque). Neymar correu, gritou e socou o ar como Pelé, a quem acabara de igualar com 77 gols pela seleção, um recorde que receberia todas as manchetes mundo afora. Era o gol da redenção, o momento de virada na imagem do controverso ídolo nacional. Mas foi tudo em vão, com o gol de empate de Petkovic. Quis o Sobrenatural de Almeida, o personagem do dramaturgo Nelson Rodrigues, que o golaço tenha perdido o valor em minutos — e é hoje página virada. A sonhada semifinal entre Brasil e Argentina virou pesadelo para um dos lados.

RICARDO CORRÊA

A LINHA FINA ENTRE IRREVERÊNCIA E SOBERBA...

A goleada por 4 a 1 sobre a Coreia do Sul nas oitavas foi o melhor momento do Brasil — e talvez o mais danoso. A facilidade com que o resultado foi construído, com gols de Vinicius Junior, Richarlison *(leia ao lado)*, Neymar e Paquetá ainda na primeira etapa, deixou para trás o susto camaronês e fez exalar o "cheiro de hexa". O Brasil jogou bem, mas não era prudente descartar o cansaço do limitado time asiático, que vinha da batalha diante de Portugal. **A empolgação foi tanta que até Tite entrou na onda da "dança do Pombo",** após o golaço de Richarlison. O comentarista irlandês Roy Keane foi o primeiro a apontar o dedo e naquele momento houve chiadeira em defesa de uma suposta "identidade nacional." A dancinha inofensiva, que logo virou meme, não é um problema. Tampouco os cabelos descoloridos. Mas pegou mal, muito mal, a sensação de que a seleção se empolgou e sequer cogitou a hipótese de perder para a Croácia. "Tem que ter coragem para jogar, mesmo correndo riscos de a carne ser cortada se não for campeão. É o futebol em que eu acredito, é para a frente", disse Tite, logo ele, um pragmático contumaz. Molejo e ofensividade nunca foram sua praia.

RICARDO CORRÊA

...DEPOIS DO VOO FUGAZ DO POMBO

Richarlison se transformou numa espécie de namoradinho do Brasil na curta trajetória do Brasil no Catar. Herói do ouro olímpico em Tóquio — na ocasião, ao receber a medalha, avisou ao presidente da Fifa, Gianni Infantino, sem qualquer cerimônia: "Ano que vem é no Catar, hein, careca" — o atacante de 25 anos assumiu uma responsabilidade e tanto: a de vestir a camisa 9 quatro anos depois de Gabriel Jesus passar em branco na Rússia. Confiante, com a espontaneidade de sempre, se disse pronto e correspondeu em campo. O Pombo não é um Ronaldo Fenômeno, bem longe disso, mas sabe fazer gols e contagia colegas e torcedores com sua disposição e carisma. Diante da Coreia do Sul, ele completou uma das jogadas mais lindas do Mundial, uma trama entre os zagueiros(!) Marquinhos e Thiago Silva, com um toque firme de canhota, um joia afeita a ser celebrada com euforia. E vale menção honrosa a Thiago Silva: o capitão da equipe se despediu com gosto amargo. Contudo, aos 38 anos, esteve quase perfeito, inclusive contra a Croácia. Ele e Richarlison poderiam estar na seleção da Copa, não tivesse o Brasil voltado tão cedo para casa, mais uma vez. Pena.

O SUSTO CAMARONÊS

A derrota por 1 a 0 para **Camarões**, sabe-se agora, como engenharia reversa, era presságio de que as coisas não dariam certo. Nunca, numa Copa do Mundo, o Brasil foi campeão perdendo uma partida. Na Copa de 1998, aquela do piripaque de Ronaldo na final contra a França de Zidane, a canarinho perdeu da Noruega por 2 a 1. Seguiu no torneio, a taça esteve ao alcance, mas não... O jogo contra os camaronenses foi truncado, ruim mesmo, até que nos acréscimos Vincent Aboubakar marcou. Tirou a camisa, comemorou para valer, e foi expulso — ele tinha levado um cartão amarelo. Não houve, é verdade, muito chororô brasileiro. A seleção ficou com o primeiro lugar do grupo e havia uma explicação razoável: o time entrou com reservas. Mas silenciosamente brotou um problema: Tite tinha em mãos duas equipes, uma que perdia e uma que vencia. As atuações de Bruno Guimarães, Gabriel Jesus, Daniel Alves etc., fraquíssimas, criaram um incômodo. Salvaram-se Gabriel Martinelli, Fabinho e Rodrygo. Foi apenas um susto, nada de mais até aquele momento, mas...

ALEXANDRE BATTIBUGLI

A SINA DO CAMISA 10

Em 2014, a violência do colombiano Zuñiga tirou Neymar da Copa — e o afastou da tragédia do 7 a 1. Em 2018 ele foi até o fim, rolando sem fim pelos gramados da Rússia. Caçado em campo, sem dúvida, mas exagerando nas reações, a ponto de virar meme nas redes sociais. Era o personagem cai-cai. E, então, logo na estreia, em 2022, contra a Sérvia, **Neymar voltou a se machucar** em um Mundial. Que sina... Ele sofreu uma entorse no tornozelo direito depois de uma entrada mais dura de um zagueiro sérvio. O jogo já estava 2 a 0. Ele ficou um tempo em campo, até que sentiu dor insuportável, foi ao chão e chorou. Tite mal percebeu o que tinha acontecido. Disse o treinador em entrevista depois da partida, em perfeito titês, de difícil compreensão: "Eu fui ver no vídeo agora. A hora que ele dá a finta e o balanço, ele trouxe e mostra o lance na sequência. No lance do gol, quando ele faz o domínio, ele sente. Quando a bola veio para a tabela dele, ele precisou ajeitar. Eu disse: 'O que aconteceu?' Eu não vi. Ele teve essa capacidade de superação e enganou o técnico. Eu não tinha condição de ver". Neymar voltaria, quase em glória, mas houve aquele contra-ataque.

RICARDO CORRÊA

ALEXANDRE BATTIBUGLI

PURA GEOMETRIA

Uma pena o golaço de **Richarlison** contra a Sérvia não ter sido o símbolo de uma campanha vitoriosa. Foi bonito demais, e não seria errado entender aquele voleio com olhos de poesia. Carlos Drummond de Andrade, que sabia das coisas da vida, mas não era nenhum especialista em futebol, embora gostasse do que corria em torno da bola, logo intuiu que era tudo questão de geometria. Em 1970, em *Meu Coração no México* — e não cabe aqui nenhuma comparação com as feras do Saldanha que virariam o escrete de Zagallo —, ele anotou: "Então crescem os homens. Cada um é toda a luta, sério. E é todo arte. Uma geometria astuciosa aérea, musical, de corpos sábios a se entenderem, membros polifônicos de um corpo só, belo e suado". Experimente ler esse trecho do poema tendo à frente dos olhos a excepcional foto ao lado. É pura geometria astuciosa. O camisa 9 tem os olhos fixos na bola, a perna esquerda e a direita a compor um perfeito "L". Tudo é equilíbrio a antecipar a rede estufada, em um clássico golaço que fez o Estádio Lusail soltar um prolongado óóóó... Parecia antecipar o título que, sabemos todos, não veio. ■

REVELAÇÕES

O FUTURO FOI AGORA MESMO

A Copa que marcou as despedidas de veteranas lendas da bola, como Cristiano Ronaldo, Messi e Modric, também apresentou ao mundo uma nova leva de potenciais craques; novatos de Inglaterra, Croácia, Holanda, Marrocos e Argentina fizeram bonito no Catar e devem movimentar a próxima janela de transferências na Europa

ALEXANDRE BATTIBUGLI

JOSKO GVARDIOL

Um zagueiro de 20 anos, pronto para brilhar na elite. Revelado pelo Dínamo de Zagreb, Gvardiol se desenvolveu em seu atual clube, o RB Leipzig, e, em sua primeira Copa, já se consolidou como um dos líderes da Croácia. Nem mesmo a entortada que levou de Messi na eliminação nas semifinais diminuiu o tamanho de seu feito no Catar.

RICARDO CORRÊA

CODY GAKPO

O meia atacante holandês é um dos mais completos da Europa e provou isso em seus três gols na Copa: um de direita, outro de esquerda e um de cabeça. Capitão do PSV aos 23 anos, deve deixar Eindhoven para o Manchester United.

RICARDO CORRÊA

JUDE BELLINGHAM

O meio-campista de 19 anos chegou ao Catar como um dos principais candidatos a melhor novato e não decepcionou. Aos 19 anos, o atleta revelado pelo Birmingham City e comprado em 2020 pelo Borussia Dortmund se tornou titular absoluto e peça-chave de uma Inglaterra que poderia ter ido mais longe. A passada larga, a técnica apurada e a visão de jogo fazem dele uma promissora estrela mundial, que não deve permanecer muito tempo na Alemanha — o Real Madrid já está de olho. Em sua primeira Copa, fez um gol e ditou o ritmo do English Team nas cinco partidas que jogou. Cheio de personalidade, deve ser o líder de uma nova geração de talentos britânicos.

RICARDO CORRÊA

AZZEDINE OUNAHI

O volante marroquino de 22 anos fez um Mundial impecável. De vitalidade e qualidade de passe inigualáveis, foi exaltado pelo técnico espanhol Luis Enrique: "O 8 deles... minha nossa, de onde saiu este rapaz?". A resposta: de um projeto de caça de talentos. Ele hoje atua no Angers, da França.

RICARDO CORRÊA

ENZO FERNÁNDEZ

A meteórica ascensão do volante revelado pelo River Plate foi fundamental para a campanha argentina. Aos 21 anos, ganhou sua chance depois da derrota na estreia e não saiu mais do time. Tem muita disposição na marcação e qualidade no ataque, como mostrou no golaço que fez contra o México. Deve trocar o Benfica por um gigante europeu.

UMA COPA PARA FICAR NA HISTÓRIA

Alguns momentos, entre a emoção e o espanto, ganharam imediata aura de grandeza, afeitos a serem identificados, para sempre, com o Mundial de 2022. Foi um mês de glória e drama, de empolgação e tristeza, emoldurado pela permanente preocupação com Pelé, internado em um hospital de São Paulo e homenageado no Catar

RICARDO CORRÊA

MUITOS VIVAS AO ETERNO REI

Em 29 de novembro, início da terceira rodada da fase de grupos, uma notícia correu o mundo: Pelé tinha sido internado em São Paulo e, como seu corpo não mais reagia aos tratamentos contra o câncer, estava sob cuidados paliativos. O que se seguiu foi uma avalanche de homenagens. Nas redes sociais, voltou a circular um vídeo mostrando como todos os dribles geniais já haviam sido feitos (antes) pelo camisa 10. O português Gonçalo Ramos, nos 6 a 1 sobre a Suíça, se tornou o segundo mais jovem a fazer três gols numa partida do Mundial (atrás "dele", é claro). Vinicius Jr. comemorou seu primeiro gol em Copa (contra a Coreia do Sul) dando um soco no ar. E a torcida brasileira abriu uma enorme bandeira com a frase **"Get Well Soon"** ("Fique bem logo"). Viva o Rei!

10
pelé
Get Well Soo
MOVIMENTO
VERDE
AMARELO
GRÊMIO

“QUIERO GANAR LA TERCERA”

O mundo inteiro sabe que eles têm respeito pelo futebol brasileiro. Mas nós adoramos acreditar que a rivalidade entre brasileiros e argentinos é a maior de todas — e que eles precisam comer muito (muuuuuuito) feijão pra chegar aos nossos pés. Afinal, temos cinco estrelas. O.k., eles somam quinze títulos da Copa América, contra nove verde-amarelos. E 25 conquistas da Libertadores, contra 22 nossas. Mas só mesmo um portenho para acreditar que Maradona *“es más grande que Pelé”*. Em um aspecto, contudo, é preciso dar o braço a torcer: o show dos vizinhos nas arquibancadas. Não teve para ninguém no Catar, nem mesmo para os marroquinos: os cantos de guerra, as músicas que incorporam os acontecimentos mais recentes... Até os ex-jogadores entraram na comparação. Enquanto Ronaldo, Cafu, Roberto Carlos e Kaká posavam para fotos em ternos impecáveis na tribuna de imprensa, antigos craques da albiceleste foram fotografados no meio da massa, suados e esbaforidos, celebrando a vitória sobre a Polônia que garantiu a passagem para as oitavas de final. **Os estádios do Catar viveram dias de Bombonera.**

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ALGAZARRA MARROQUINA

Uma outra torcida, além dos hinchas da Argentina, fez a festa no Catar: a turma do **Marrocos,** levada pela inacreditável trajetória ao longo da Copa do Mundo, com direito a vitórias contra Bélgica, Espanha e Portugal, a caminho da semifinal contra a França. Foi como se, no gramado, estivessem reconstruindo a trajetória do país ocupado por tropas europeias ao longo dos séculos. Houve celebração marroquina em Doha — para onde viajaram dezenas de milhares de torcedores, além dos que lá moram —, mas também em capitais do Velho Continente, como Madri e Paris, mais a algazarra em Casablanca, Rabat e Marrakech. A palavra algazarra, aliás, de origem árabe, se referia inicialmente a gritaria ou alarido dos mouros quando iniciavam um combate. A farra dos Leões do Atlas foi engrossada por fãs de outras nacionalidades, como sauditas, iranianos, egípcios e, claro, cataris — irmãos na cultura islâmica. O rei do Marrocos chegou a oferecer voos a preços convidativos a quem quisesse ir ao Catar. O problema: falta de ingressos, que chegaram a ser vendidos no câmbio negro pelo equivalente a 5 000 reais.

FOTOS RICARDO CORRÊA

ALEXANDRE BATTIBUGLI

DESMANCHA-PRAZERES

A cena é cada vez mais comum. A bola morre no fundo da rede e a TV demora para mostrar o replay. Os jogadores celebram (às vezes ensandecidamente como os **marroquinos,** no início do jogo contra a Bélgica). Daí, na sala do VAR, vem a análise do lance — e o anticlímax. Com a tecnologia cada vez mais precisa, os impedimentos passaram a ser registrados nos centímetros. Durante a Copa, a bola estava equipada com um sensor para indicar o momento exato em que o passe foi feito. Sem dúvida, a velocidade do futebol de hoje também influencia esse aspecto tão decisivo. O jogo é mais rápido, e o atacante busca ficar sempre "no limite" para aproveitar a vantagem na hora do gol. Naquela tarde de 27 de novembro, Marrocos teve de engolir a festa, mas não perdeu o embalo e marcou outras duas vezes contra os belgas. Depois, ao longo da Copa, seguiu comemorando muito mais.

SALVE A JUVENTUDE

Se o português Gonçalo Ramos foi o mais jovem a fazer três gols numa Copa depois de Pelé, a faixa de mais jovem a entrar em campo num jogo de mata-mata do Mundial (sempre depois de Pelé, é claro) cabe agora ao australiano **Garang Kuol.** Nascido em 15 de setembro de 2004, ele nunca viu o Brasil campeão. Tinha exatos 18 anos, 2 meses e 18 dias quando entrou no segundo tempo do confronto com a Argentina (vitória por 2 a 1 de Messi e companhia). Os pais são do Sudão do Sul e viviam temporariamente no Egito quando o menino nasceu. Em seguida, a família refugiou-se na Oceania. Estreou pelos Socceroos em setembro de 2022 e entrou na lista de convocados para o Catar. Desde 1º de janeiro, tem contrato com o Newcastle, um dos emergentes da Premier League inglesa. Não há dúvida: o menino tem longa estrada pela frente.

PERDEU, MANÉ

Com quatro jogos por dia na fase de grupos, a Copa do Catar teve menos tempo de descanso antes das oitavas. **França,** Espanha, Portugal e Brasil pouparam os titulares na última partida classificatória — e perderam para Tunísia, Japão, Coreia do Sul e Camarões. O argumento era que os onze melhores chegariam "na ponta dos cascos" para o mata-mata. Franceses, brasileiros e portugueses de fato mostraram bom futebol contra poloneses, coreanos e suíços. Mas ficou um gosto bem amargo para quem pagou (muito) caro para ver os craques no Mundial. Faltou preparo físico ou faltou respeito pelo torcedor?

ALEXANDRE BATTIBUGLI

LUGAR DE MULHER É ONDE QUISER

Foram necessários 92 anos, desde a primeira Copa, e 32 jogos — a metade do total de jogos da Copa do Mundo — para que finalmente a Fifa escalasse um trio de mulheres para apitar uma partida no Catar. A francesa Stéphanie Frappart foi a árbitra de Alemanha x Costa Rica. A brasileira **Neuza Back** atuou como bandeirinha na companhia da mexicana Karen Díaz. "É um evento histórico", apontou a Fifa no documento oficial com o anúncio da histórica escalação. O jogo resolveria a passagem ou não da Alemanha para as oitavas — os campeões mundiais de 2014 venceram por 4 a 2, mas terminariam eliminados já na fase de grupos em decorrência do saldo de gols. Avançaram Japão e Espanha. Mas o que se eternizou, na noite do Estádio Al Bayt, foi a arbitragem. A inclusão feminina em um esporte tão masculino virou urgência devido ao questionamento quanto ao modo pelo qual a Fifa administra o esporte, o evidente crescimento global de interesse pelo futebol feminino — e a postura oficialmente misógina do país-sede do Mundial, que pedia algum tipo de vacina, mesmo inócua. "É uma honra ter sido escolhida como assistente", disse Back a PLACAR.

RICARDO CORRÊA

ALEXANDRE BATTIBUGLI

O CENTRO DAS ATENÇÕES

Depois de esbanjar arrogância nos dois primeiros jogos e ajudar Portugal a garantir a vaga antecipada para as oitavas de final *(leia na pág. 48)*, Cristiano Ronaldo foi um dos poucos titulares a entrar em campo na terceira partida, contra a Coreia do Sul. Porém, ao ser substituído, na etapa final, não escondeu a insatisfação. "Fernando Santos estava com pressa." O técnico não se fez de rogado e, na entrevista coletiva, disparou: "Se vi as imagens? Já. Se gostei? Nada. Não gostei nada mesmo". Quatro dias depois, veio o choque: o técnico anunciou a escalação para o confronto eliminatório contra a Suíça com **CR7 no banco,** em cena que atraiu fotógrafos do mundo inteiro enquanto as equipes se perfilavam para o hino. A manobra acabou revelando ao mundo o jovem Gonçalo Ramos. O substituto do craque que se achava dono da bola marcou três vezes. Há que reconhecer que o camisa 7, camiseta de treino sobre o peito empinado, não hesitou em correr do banco até a borda do campo para celebrar com os companheiros a cada gol. Portugal seria eliminado por Marrocos nas quartas de final.

OS PRIMEIROS PASSOS DA ÚLTIMA DANÇA

A Copa do Mundo começou de olho em um grupo de jogadores, já veteranos, que prometia brilhar no Catar, como se a eles coubesse o tom de mostrar que idade no futebol é inteligência — e com a força da maturidade saberiam encontrar o atalho mais curto para o gol adversário, antes de encerrarem carreiras fenomenais. Messi provou que isso é possível, outros não...

RICARDO CORRÊA

O 7 A 1 DA ALBICELESTE

A frase ao fim da derrota contra a Arábia Saudita por 2 a 1, de virada, na estreia da Argentina soou como um tango triste. "Estamos mortos", disse **Lionel Messi.** Não estavam, é o que se veria ao longo do torneio. Mas naquela tarde de 22 de novembro, no Estádio Lusail, a Albiceleste viveu um de seus piores momentos. Os sauditas não podiam crer, ninguém acreditava. A quinta Copa do Mundo do genial canhoto, apesar do gol solitário de pênalti, começara muito mal. Foi como um 7 a 1, traduzido pela imagem ao lado, de sete zagueiros de verde a cercar o camisa 10. A vergonha pode ser comparada a outros momentos históricos em Mundiais: a derrota da própria Argentina em 1990, então campeã do mundo, para Camarões na abertura da Copa na Itália por 1 a 0 — com Maradona em campo. Ou então a queda da Itália para a Coreia do Norte, também pelo placar mínimo, em 1966, na Inglaterra. Mas quem tem Messi, aos 35 anos, como quem tinha Maradona, sai do buraco, e se você chegou até esta página já sabe o que ele aprontaria depois de morrer... Só que não. Estava vivíssimo.

PABLO PORCIUNCULA/AFP

ARROGÂNCIA FUTEBOL CLUBE

Se na juventude ele mandava e desmandava, depois de ganhar tudo — foi escolhido cinco vezes o melhor do mundo —, imagine do que seria capaz **Cristiano Ronaldo,** aos 37 anos. Ele desembarcou em Doha com um recorde a seu alcance, o de ser o único jogador homem a marcar gols em cinco Copas consecutivas. Não deu outra. Já na primeira partida, aos vinte do segundo tempo, fez o dele de pênalti. Portugal venceria Gana por 3 a 2. Subiria na torre de marfim dos arrogantes vocacionais, e de lá parecia não sair. Fominha, quis até roubar o gol de um colega, Bruno Fernandes, na vitória por 2 a 0 contra o Uruguai. CR7 celebrou como nunca o gol de cabeça, o primeiro, contra a Celeste, pela segunda rodada do Grupo H. Era o nono do craque português em Copas, igualando o recorde de Eusébio. Mas não foi. O indomável camisa 7 não tocou na pelota, nem mesmo com um mísero fio de cabelo ralo. A Fifa, que havia atribuído a ele o tento, voltou atrás. Chegou ao veredicto por meio do chip que vai dentro da bola. Foi gol de Bruno Fernandes, sujeito boa-praça que depois admitiria: "Comemorei como se fosse gol de Cristiano Ronaldo". Viva o rei-sol.

RICARDO CORRÊA

DEMOROU, MAS ENFIM SAIU

Os números não mentem, ou costumam não mentir. Com mais de 600 gols marcados desde que estreou como centroavante do Znicz Pruszków, da Polônia, em 2006, **Robert Lewandowski** é ídolo das torcidas do Borussia Dortmund, do Bayern de Munique e do Barcelona. Com a camisa da seleção nacional, que veste desde 2008, quando tinha apenas 20 anos, também brilhou. Disputou a Eurocopa de 2012, 2016 e 2020. Aos 34 anos, porém, faltava-lhe balançar as redes numa Copa do Mundo. Em 2018, na Rússia, os poloneses fizeram uma campanha melancólica: perderam para Senegal e Colômbia e, mesmo com a vitória sobre o Japão na terceira partida, terminaram na última colocação de seu grupo. A escrita foi quebrada, enfim, no sábado, 26 de novembro, em Doha. Aos 36 minutos da etapa final, Lewandowski aproveitou uma falha da defesa da Arábia Saudita e bateu sem chance de defesa, selando a vitória por 2 a 0. Nas oitavas, porém, a Polônia não resistiu à força da França, campeã de 2018, numa noite espetacular de Mbappé, e voltou para casa ao perder por 3 a 1. O camisa 9 fez o dele, de pênalti. Até comemorou.

MAJA HITIJ/FIFA/GETTY IMAGES

UMA DESPEDIDA *MUY* MELANCÓLICA

Em 2010, aos 23 anos, ele estreou em Copas em grande estilo: meteu a mão na bola no último lance do tempo regulamentar contra Gana, pelas quartas de final. Em 2014, no Brasil, mordeu o italiano Chiellini. Em 2018, ajudou o Uruguai a chegar até as quartas, derrotado pela França. Em 2022, veio a despedida amarga. Depois de empatar com a Coreia do Sul e perder para Portugal, a Celeste precisava não apenas vencer (veja só) Gana, mas tirar a desvantagem no saldo de gols. O 2 a 0 não foi suficiente. E restou a **Luis Suárez,** 35 anos, o choro enquanto acompanhava, do banco, os últimos minutos da partida, sem poder fazer nada para impedir a melancólica eliminação na fase de grupos.

RICARDO CORRÊA

A MALDIÇÃO ATACA DE NOVO

Há quem diga que foi a macumba por causa do 7 a 1. Depois daquela tarde de julho de 2014, no Mineirão (e da suada vitória sobre a Argentina no Maracanã, cinco dias mais tarde), a seleção da Alemanha não se encontrou mais. Na Euro 2016, ainda conseguiu chegar à semifinal. Na edição seguinte, disputada em 2021 por causa da pandemia, caiu nas oitavas para a Inglaterra. Na Copa do Mundo, então... Nem tinha passado da fase de grupos em 2018. Ainda assim, era tida como favorita no chamado "grupo da morte", com Espanha, Japão e Costa Rica. Mas o que se viu foi um vexame. Derrota para os japoneses na estreia, um empate suado com os espanhóis e, apesar da vitória sobre os costa-riquenhos, nova eliminação precoce por causa do saldo de gols. Restou a **Thomas Müller,** titular do Bayern de Munique e que atua pela seleção desde 2004, ainda no sub-16, o abraço desconsolado do companheiro Rüdiger. O centroavante alemão, que tinha marcado cinco gols no Mundial do Brasil, voltou a passar em branco (como na Rússia, quatro anos depois). Aos 33 anos, só lhe resta a despedida da *Die Mannschaft*.

ANDORINHA SOLITÁRIA

É fato que País de Gales não prometeu nada... e não entregou nada no Catar. Empatou com os Estados Unidos na estreia, mas perdeu para Irã e Inglaterra e, com apenas 1 ponto ganho, um gol marcado e seis sofridos, terminou o torneio na antepenúltima colocação, entre 32 participantes (só o Canadá e o Catar, que perderam as três partidas disputadas, foram pior). Mas não se pode negar que havia uma expectativa em relação à performance do atacante **Gareth Bale,** de 33 anos, o maior jogador da história de seu país. Ele foi o mais jovem a vestir a camisa da seleção galesa (tinha menos de 17 anos ao estrear, em 2006), comandou o time na Euro-2016, quando só caiu na semifinal, e mandou bem nas eliminatórias para a Copa deste ano, a primeira de Gales desde 1958. Bale trazia na bagagem cinco títulos da Liga dos Campeões e três do Mundial de Clubes pelo Real Madrid. Contra os americanos, sofreu um pênalti, bateu e marcou o único gol galês no Catar *(foto)*. Pouco, muito pouco para quem se acostumou a ver suas arrancadas pela ponta direita. Será que ainda terá fôlego em 2026?

RICARDO CORRÊA

ALEXANDRE BATTIBUGLI

AS VOZES PELOS DIREITOS HUMANOS

Poucas Copas ecoaram tanto os humores da sociedade quanto o torneio do Catar. Na primeira fase, antes das decisões em mata-mata, algumas seleções aproveitaram para usar o futebol como plataforma na defesa da comunidade LGBTQIA+ e contra a misoginia que grassa no país do Oriente Médio. Foi a boa constatação de que o futebol vive também fora dos gramados. Até a bola rolar...

UMA POSE EM NOME DA DIVERSIDADE

Na pose para a fotografia oficial antes da partida contra o Japão, os jogadores da **seleção da Alemanha** levaram as mãos à boca. Eles protestavam contra a Fifa, que proibiu o uso de braçadeiras em apoio à comunidade LGBTQIA+ (sigla para lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e queer, além de outras identidades de gênero). No Catar, uma monarquia absolutista, a homossexualidade é ilegal e passível de prisão. Na véspera da Copa, ao menos sete seleções europeias haviam combinado de entrar com uma braçadeira com as cores do arco-íris e a inscrição *One Love* (um amor, em inglês): Inglaterra *(leia na pág. 59)*, País de Gales, Bélgica, Dinamarca, Alemanha, Holanda e Suíça. Os dirigentes da Fifa ameaçaram com cartão amarelo, e os times desistiram da ação. Os alemães trataram então de criar um caminho alternativo. Como os germânicos perderam por 2 a 1 para os japoneses, a caminho da eliminação precoce, a imprensa catari tratou de ironizar a postura da equipe. Um jornal local pôs a imagem em suas redes sociais com o seguinte título, associado ao ícone de um avião: "Para Berlim".

SILÊNCIO CORAJOSO

Os jogadores do Irã dirigidos pelo português Carlos Queiroz viraram heróis — ou vilões, a depender do ponto de vista — da ebulição que grassa pelo país. Depois das três partidas da fase de grupos, em todas as entrevistas a jornalistas, os atletas foram induzidos a dizer alguma coisa a respeito dos protestos que se espalham pelas cidades iranianas. O motivo: o assassinato da jovem Mahsa Amini, de 22 anos, que havia sido detida por não usar o véu islâmico de forma adequada. As autoridades afirmaram que ela morreu em razão de uma doença, e não por ter sido espancada, informação torta que incendiou ainda mais o ânimo dos manifestantes. Embora nada tenham dito — "são apenas jogadores de futebol", disse Queiroz —, os atletas tomaram uma atitude inédita e corajosa: **não cantaram o hino nacional** na partida de estreia contra a Inglaterra (derrota por 6 a 2). Nas arquibancadas, muitos aplaudiram, muitos vaiaram.

JULIAN FINNEY/GETTY IMAGES

RICARDO CORRÊA

DE JOELHOS, MAS ERGUIDOS

Ao desembarcar no Oriente Médio, a seleção de Harry Kane — que seria eliminada nas quartas pela França, por 2 a 1, depois de um pênalti perdido pelo centroavante do Tottenham — liderou os movimentos de protesto contra a organização da Copa do Mundo no Catar. Era dado como certo que os **jogadores ingleses** reclamariam da homofobia, do descaso com as relações trabalhistas cataris e do racismo, a abjeta praga global. Pressionados, os súditos do rei sacaram da cartola um protesto que virou clássico: se ajoelharam no gramado antes da partida contra os iranianos *(leia ao lado)*. O gesto nasceu em 2016, quando o jogador da NFL (liga de futebol americano dos EUA) Colin Kaepernick, do San Francisco 49ers, se negou a ficar de pé durante a execução do hino dos Estados Unidos, como forma de chamar a atenção para a violência policial contra negros.

A PRIMAVERA ÁRABE DO CATAR

Durante um mês, a grande festa do futebol mudou o clima do país, como se a monarquia absolutista regida pelo fundamentalismo religioso tivesse se transformado numa democracia. Mas não. Dificilmente os ventos de liberdade soprados pelo esporte mudarão o cotidiano difícil e controlado

FOI BONITA A FESTA DO DESERTO

Os termômetros batiam nos 30 graus na hora do almoço durante o inverno do Catar, mas o país-sede da Copa viveu uma Primavera Árabe subtraída de política. Havia, nas ruas de Doha, intensa celebração entre os povos muçulmanos reunidos para o torneio — torcedores de seis países que iniciaram a primeira fase da competição. **Sauditas,** marroquinos, tunisianos, iranianos, senegaleses e cataris, nações com mais de 90% da população islâmica, de cultura razoavelmente similar, fizeram uma algazarra imparável. Durante um mês, a estratégia já conhecida na diplomacia internacional como *sportswashing* — o uso do esporte para limpar a barra de um país, seja o que abriga o torneio, seja os que mandaram seleções — viveu seu apogeu. E agora? Depois da Copa, voltará aquela outra disputa, mais relevante: a das liberdades dos cidadãos. Passado o êxtase, cabe uma indagação: ao fim da primavera esportiva, o que será dos problemas do país? Continuarão, porque o futebol não resolve tudo, longe disso.

RICARDO CORRÊA

CHOQUE DE CIVILIZAÇÃO

Ser mulher, no Catar, não é fácil, apesar do crescente número de doutoras com diploma universitário. Contudo, diante do fundamentalismo wahhabismo sunita que rege o país, como religião majoritária, a elas é oferecido um cotidiano duro. Continuam sujeitas ao sistema de tutela masculina, pelo que devem pedir autorização aos seus tutores (pai, marido, irmão etc.) para decisões relevantes como casar, viajar e estudar no exterior (até 25 anos). Segundo a Anistia Internacional, esse sistema de controle masculino entra em conflito com a Constituição do país. As casadas devem obedecer ao marido e não podem se recusar a fazer sexo, exceto por razões "legítimas". Além disso, têm dificuldade para se divorciar e mais ainda para obter a guarda dos filhos. E durante a Copa, como interregno da realidade, elas foram vistas nos estádios — quase sempre ao lado de homens — vestidas com os **niqabs,** as túnicas negras que deixam apenas os olhos de fora. Além das cataris, **mulheres de países vizinhos,** como as da Arábia Saudita, também tremularam bandeiras. Muitas pareciam **envergonhadas.**

RICARDO CORRÊA

ALEXANDRE BATTIBUGLI

RICARDO CORRÊA

RICARDO CORRÊA

UM JOGO DIPLOMÁTICO

"Nos reunimos aqui como uma grande tribo e a Terra é a tenda onde todos nós vivemos. O futebol abrange o mundo, une nações em seu amor pelo belo jogo. O que une nações também une comunidades. Todos nós temos uma história com o futebol e como ele nos uniu." O discurso do ator americano **Morgan Freeman,** na cerimônia de abertura da Copa, no estádio Al Bayt, tinha um objetivo evidente: afastar as críticas contra a realização do torneio no Catar, de sobejo desrespeito com os trabalhadores que construíram as arenas e de misoginia e homofobia como política oficial. Freeman, é claro, apanhou nas redes sociais por ter aceitado o convite. Tê-lo no palco foi um modo de o governo do Catar exercer o chamado soft power, o movimento diplomático afeito a tingir o cotidiano com cores mais amenas, no avesso do autoritarismo. Abrigar a Copa fazia parte desse plano de relações internacionais. Não há dúvida de tudo ter sido muito bem organizado — mas é possível que o tiro tenha saído pela culatra, ao iluminar os reais problemas do país e aquecer ainda mais as denúncias de compra de votos na escolha da sede de 2022.

RICHARD SELLERS/GETTY IMAGES

A Espanha iludiu o mundo com a maior goleada do Mundial: um 7 a 0 envolvente diante dos costarriquenhos — a maior do país na história das Copas. Depois, não venceu mais. Caiu nas oitavas.

A DECEPÇÃO BRASILEIRA

O Brasil teve sua pior participação numa Copa do Mundo desde 1990, quando a seleção de Sebastião Lazaroni perdeu para a Argentina de Maradona e Caniggia nas oitavas de final. Ficou numa triste sétima colocação, com três vitórias, uma derrota e o empate contra a Croácia, que levaria para a prorrogação e os pênaltis. A França por pouco não conseguiu o bicampeonato mundial, como a Itália em 1934 e 1938 e a canarinho em 1958 e 1962. O ponto baixo: o fraco desempenho do Canadá e do país-sede, o Catar.

64 JOGOS

172 GOLS

2,68 MÉDIA DE GOLS

53 191 MÉDIA DE PÚBLICO

4 CARTÕES VERMELHOS

227 CARTÕES AMARELOS

ARTILHEIROS

8 Kylian Mbappé (França)
7 Lionel Messi (Argentina)
4 Julián Álvarez (Argentina)
4 Olivier Giroud (França)
3 Marcus Rashford (Inglaterra)
3 Bukayo Saka (Inglaterra)
3 Enner Valencia (Equador)
3 Richarlison (Brasil)
3 Álvaro Morata (Espanha)
3 Cody Gakpo (Holanda)
3 Gonçalo Ramos (Portugal)

CLASSIFICAÇÃO FINAL

Posição	PG	J	V	E	D	GP	GC	S
1º Argentina	14	7	4	2	1	15	8	7
2º França	16	7	5	1	1	16	8	8
3º Croácia	10	7	2	4	1	8	7	1
4º Marrocos	11	7	3	2	2	6	5	1
5º Holanda	11	5	3	2	0	10	4	6
6º Inglaterra	10	5	3	1	1	13	4	9
7º Brasil	10	5	3	1	1	8	3	5
8º Portugal	9	5	3	0	3	12	6	6
9º Japão	7	4	2	1	1	5	4	1
10º Senegal	6	4	2	0	2	5	7	-2
11º Austrália	6	4	2	0	2	4	6	-2
12º Suíça	6	4	2	0	2	5	9	-4
13º Espanha	5	4	1	2	1	9	3	6
14º Estados Unidos	5	4	1	2	1	3	4	-1
15º Polônia	4	4	1	1	2	3	5	-2
16º Coreia do Sul	4	4	1	1	2	5	8	-3
17º Alemanha	4	3	1	1	1	6	5	1
18º Equador	4	3	1	1	1	4	3	1
19º Camarões	4	3	1	1	1	4	4	0
20º Uruguai	4	3	1	1	1	2	2	0
21º Tunísia	4	3	1	1	1	1	1	0
22º México	4	3	1	1	1	2	3	-1
23º Bélgica	4	3	1	1	1	1	2	-1
24º Gana	3	3	1	0	2	5	7	-2
25º Arábia Saudita	3	3	1	0	2	3	5	-2
26º Irã	3	3	1	0	2	4	7	-3
27º Costa Rica	3	3	1	0	2	3	11	-8
28º Dinamarca	1	3	0	1	2	1	3	-2
29º Sérvia	1	3	0	1	2	5	8	-3
30º País de Gales	1	3	0	1	2	1	6	-5
31º Canadá	0	3	0	0	3	2	7	-5
32º Catar	0	3	0	0	3	1	7	-6

SAVE THE DATE

S.T.O.R.E

© MARVEL